

## **Benedito Nunes: filósofo, crítico literário e intérprete da Amazônia**

Maria Stella Faciola Pessôa Guimarães<sup>1</sup>

Professor emérito da UFPA, Benedito Nunes tem produção intelectual expressiva, no Brasil e no exterior. Mereceu honrarias e prêmios – exemplos são o “Jabuti” e o “Machado de Assis” concedido em 2010 pela Academia Brasileira de Letras (ABL) ao conjunto da obra. Benedito é referência: filósofo e crítico literário, com estudos a respeito de Heidegger, Guimarães Rosa e Clarice Lispector, para citar os mais propagados. No entanto, sem a mesma divulgação, o pensador paraense – além da trajetória no magistério, atuou na Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia (SPVEA) – também escreveu ensaios, concedeu entrevistas e apresentou palestras sobre a Amazônia.

Como filósofo, Benedito fez sua análise sobre conceitos de cultura, exposta em livro que comemorou 40 anos da UFPA e 25 da instalação do NAEA (NUNES, 1997). Depois, organizou o trabalho *Amazônia e suas culturas* (NUNES, 2008), fixado em aula inaugural que proferira em 1999 na UFPA, sob o título *Cultura e regionalismo*. Seu perfil de autodidata vem então à baila: “Eu mesmo me considero fruto e contribuição de um autodidatismo cultural amazônico que nunca deixou de apreender culturalmente além do regional”. Benedito encontrou na universidade “uma forma socialmente estável de recebimento, produção e transmissão de cultura”, mas ao abordar regionalismo e cultura, faz questão de lembrar os estudos da região amazônica anteriores à criação da UFPA, em busca de uma história intelectual da Amazônia.

Longe de mim a ideia de poder escrevê-la [...]. Mas, pelo menos, será preciso delinear-lhe algumas passagens, principalmente aquelas que salientaram na transição do século XIX para o século XX, quando uma parcela da *intelligentsia* local conquistou, atuando em vários planos, didático, artístico e científico da atividade intelectual, sob o influxo de “ideias novas” perfilhadas pela geração de 1870, identidade própria no trabalho de abrir as diversas frentes de investigação exploratória das terras amazônicas. Entende-se por *intelligentsia*, na acepção de Karl Mannheim, o grupo heterogêneo, no exercício de profissões liberais, de que participam como escritores, artistas e homens de ciências, elementos de diferentes classes sociais.

[...]

Talvez lhes acudisse, aos intelectuais autodidatas, nos vários momentos da empresa de investigação exploratória da região que acometeram, aquele misto de deslumbramento e decepção com que Euclides da Cunha, em 1906, quatro

---

<sup>1</sup> Mestranda orientada pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Edna Castro. O trabalho foi apresentado em setembro / 2010 no II Encontro da Sociedade Brasileira de Sociologia da Região Norte.

anos antes de publicados *Os Sertões*, exprimiu sua primeira impressão da planície amazônica e de seu grande rio: um mundo excessivo em formação, – “um excesso de céus por cima de um excesso de águas” – a lembrar “uma página inédita e contemporânea do *Gênesis*” ainda incompleta, e por isso vazia de gente e sem história alguma. Euclides da Cunha era um adepto das “ideias novas”, tal como antes o tinham sido, de diferentes maneiras, os escritores nortistas Inglês de Sousa e José Veríssimo (NUNES, 2008, p. 256).

Nessa aula, Benedito volve a historiografia da Amazônia anterior aos primórdios da universidade local, atravessando referências a pensamentos e ações de personalidades como Alexandre Rodrigues Ferreira, Emílio Göeldi, Domingos Soares Ferreira Penna, Sylvio Romero, Charles-Marie Condamine, Henry Walter Bates, Luís Agassiz, Koch-Guetemberg, Alfred Wallace, Augusto Comte, Herbert Spencer, Henri-Anatole Coudreau, Arthur César Ferreira Reis, Euclides da Cunha, Inglês de Sousa e José Veríssimo. Eidorfe Moreira é também mencionado por Nunes (2008) como autodidata que se fez exemplo especialíssimo da *intelligentsia* amazônica, portanto perfeitamente identificado com tal qualificação de Mannheim – alemão que se dedicou à sociologia do conhecimento.

Os livros e publicações esparsos de Eidorfe [...] podem ser distribuídos em três ordens distintas de estudos: os específicos sobre a região amazônica, [...] os geográfico-literários [...] e os de história cultural do Pará [...]. Sem qualquer pretensão sistemática, essa classificação realça a diversidade desses estudos – alguns deles verdadeiros clássicos sobre a Amazônia – dentro do domínio das ciências humanas, e destaca a escala científico-humanista de seus temas. Mas não pode evidenciar a unidade que há nessa diversidade: unidade da escrita [...] e unidade de forma de pensamento (NUNES, 1989).

Quando disserta sobre o papel da universidade na Amazônia, Nunes (2008) não dissocia de suas reflexões a função do NAEA: “uma ‘usina de ideias’ da Amazônia sobre a Amazônia” que fomenta “o diálogo crítico e interpretativo das ciências humanas”. A citada aula inaugural serve de exemplo: o *Professor Emérito* reputa Armando Mendes como herdeiro do autodidatismo de Veríssimo e Moreira. Para Benedito, em 1973, Armando inoculou no projeto do NAEA a “tradição humanística”, pretendendo interligar “o particular da região à universalidade do conhecimento sobre ela produzido” em projetos nos quais se aproximam as ciências da natureza e as ciências humanas. De outra feita, quando a UFPA comemorava 50 anos, Benedito assegurava à plateia do Theatro da Paz que a universidade, “correspondendo ao seu ânimo investigativo e à sua vocação regional, dotou-se de um órgão específico e permanente, o NAEA, [...] para aprofundar e sistematizar o

conhecimento da região” (NUNES, 2007a). Antes disso, em 1996, Benedito abordava sua “já quadragenária relação de amizade” com Armando Mendes:

Armando chegara à questão ecológica seguindo o problema do desenvolvimento regional; eu a vislumbrara através do problema ontológico, na fase moderna, interpretado por Heidegger como esquecimento do ser.

[...]

A proposta nuclear de *A Casa e suas Raízes* é o desenvolvimento sustentável, harmonizando o crescimento econômico com a preservação dos bens naturais, e que, conciliando os dois princípios, o da utopia e o da responsabilidade, também conciliaria a economia e a ecologia – interpretada esta num sentido extensivo de disciplina híbrida, ciência natural e social, destinada ao cultivo da terra (ecúmene). Mas o ecúmene, “mundo com que lidamos”, engloba o meio ambiente, assim como a cultura engloba a natureza. A questão ecológica é mais do que ambiental na acepção estrita, naturalista e organicista.

[...]

Pode-se dizer, parodiando Heidegger, para quem a técnica não é somente uma questão técnica, que a questão ecológica não é somente uma questão ecológica (NUNES, 1996, p. 11-21).

Em conferência apresentada no ciclo de estudos *A Amazônia na Época de Landi* e no *II Encontro Regional de História* – ambos no ano 2000 – Benedito Nunes ainda recua mais no tempo aquela análise amazônica que empreendera a respeito do cenário local antes da UFPA: escreve *Luzes e Sombras do Iluminismo Paraense*, com a parceria de Aldrin Moura de Figueiredo. Os dois autores começam dissertando sobre “o que se pensava no século XVIII na Europa” em plena Época das Luzes, análise que não poderia ocultar intelectuais do Velho Mundo como Montesquieu, Voltaire, Rousseau, D’Alembert e Diderot (NUNES; FIGUEIREDO, 2002, p. 19-28). Explicam que o vínculo de Belém com o Iluminismo “firmou-se graças à arquitetura religiosa de Antonio Landi, [...] bolonhês estabelecido entre nós”. Em 2003, no seminário *Landi e o século XVIII na Amazônia*, Benedito volta a falar a respeito do Iluminismo no Pará, afirmando que “Landi é um ser histórico” e dizendo que a História impera “como experiência de muitas gerações [...], além da História documentada” (NUNES, 2003, p. 2).

Em 2006, é justamente Aldrin quem faz o *Prefácio à guisa de crônica* para o livro *Crônica de duas cidades – Belém e Manaus* e apresenta os discursos tecidos esteticamente por Benedito Nunes e Milton Hatoum, “legítimos cronistas de suas aldeias, paraísos perdidos, palácios da memória, invocados pela lembrança do tempo que passou” (FIGUEIREDO, 2006). Sob a epígrafe poética de Baudelaire que relembra a Paris que não mais existia, Benedito em *Pará capital Belém* afirma que essa crônica – iniciada com a

referência à fundação em 1616 por Castelo Branco – paga sua “velha dívida com Belém”, débito que o professor também estende à geração que viveu na cidade entre 1940 a 1960, quando a capital do Pará “ainda era uma cidade amável”. “Traço apenas, como um desenho à mão livre, o meu retrato de Belém”. Na primorosa edição das crônicas de Belém e Manaus apresentadas por dois intérpretes da Amazônia, o professor paraense homenageia, de forma explícita, Vicente Salles, Roberto Santos, Fábio Castro e, postumamente, Eidorfe Moreira, Augusto Meira Filho e Ernesto Cruz (NUNES; HATOUM, 2006).

Mais uma vez, então em 2004, Benedito pinta uma grande tela como exegeta da nossa cultura: *Do Marajó ao arquivo: Breve panorama da cultura do Pará (com omissões perdoáveis e imperdoáveis)*<sup>2</sup>. De um fôlego, recupera novamente 1616 e alcança os nossos dias, atravessando o tempo com preciosas reflexões em estâncias que ajuízam a história paraense e ilustram os eixos culturais desta terra. O estudioso discorre, por exemplo, sobre Belém como uma cidade, no seu exórdio – mais tupinambá do que portuguesa nesse primeiro século da sua existência. Relembra o círculo arquitetônico de Landi e adere o bolonhês ao naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira e à sua obra *A Viagem Filosófica*, da qual Landi participara. Aborda nossos “primeiros bondes, carros puxados a burro, antes que [...] a inglesa *Pará Electric Company* os eletrificasse”. Comenta sobre os jornais e revistas que surgiam na região. Resume a Belém com fisionomia *Belle Époque* e seus prédios e logradouros *art nouveau* – período muito bem detalhado por Nazaré Sarges e Célia Bassalo. Chama atenção ao fato de José Veríssimo e Inglês de Souza terem unido “a vertente da cultura popular à tradição europeia”. Joga seu foco para a tela *Últimos dias de Carlos Gomes*, de Domenico De Angelis e Giovanni Capranesi. Analisa o levante dos cabanos. Registra a criação do Museu Göeldi. Relaciona nomes como Alfredo Ladislau, os irmãos Cléo e Sílvio Bernardo, Adalcinda Camarão, Dulcineia Paraense, Mário Couto. Benedito comenta sobre os mais velhos de uma geração que, com a exceção de Machado Coelho, é

---

<sup>2</sup> *Do Marajó ao arquivo: Breve panorama da cultura no Pará (com omissões perdoáveis e imperdoáveis)*, escrito por Benedito Nunes como parte de *Amazônia, Terra & Civilização: uma trajetória de 60 anos*, livro organizado por Armando Mendes e publicado pelo Banco da Amazônia (MENDES et al, 2004), no qual escrevem também outros estudiosos de temáticas da região como, por exemplo: Edna Castro, José Marcelino Monteiro da Costa, Roberto Santos, Violeta Refkalefsky Loureiro e Berta Becker.

constituída de professores porque a “então dominante exigência do acesso à cátedra estimula-os a escrever, como teses de concurso, notáveis peças ensaísticas” e cita os grandes expoentes: Francisco Paulo Mendes, Daniel Coelho de Souza, Cécil Meira, Annunciada Chaves, Otávio Mendonça, Orlando Bitar, Augusto Meira Filho e Antônio José de Lemos – “foram eles os mestres dos jovens poetas em ascensão nas décadas de 50 e 60, como Alonso Rocha, Paulo Plínio Abreu, Max Martins, Cauby Cruz e Mário Faustino”. Faz também referência a valorosos professores da UFPA como, entre outros, as sociólogas Rosa Acevedo Marin e Edna Castro, os antropólogos Napoleão Figueiredo e Heraldo Maués, o filósofo José Carlos Castro e os historiadores Aldrin de Figueiredo, Geraldo Mártires Coelho e Magda Ricci. Não deixa de alinhar, no seu escrito de larga latitude, referência às artes em geral, pinçando artistas e feitos ligados ao cinema, ao teatro, à escultura, à fotografia, à pintura e a tudo que compõe o leque aberto do ambiente cultural do Pará e de Belém – que combina “por vezes, numa perspectiva promissora, o mais acurado localismo ao mais autêntico senso universalista”. Com esse discurso que é, sem dúvidas, a interpretação de uma cultura amazônica, Benedito traça a curva do desenvolvimento da sociedade letrada e intelectual de Belém, que fica assim grafada de forma inspecionável para o presente e as futuras gerações (NUNES, 2004a, p. 639-656).

Aliás, renomados professores da UFPA mantêm relacionamento estreito com a cultura erudita de Benedito Nunes, que imprimiu sinais do seu conhecimento nos prefácios que assinou em *Mário Faustino – Uma Biografia*, de Lilia Silvestre Chaves, *Uma outra “invenção” da Amazônia: Religiões, Histórias, Identidades* – livro de Raymundo Heraldo Maués –, *Foucault e a Psicanálise* de Ernani Chaves e *A utopia política positivista e outros ensaios* de José Carlos Castro.

É porém aí, nessa investigação, dada a diferença de mentalidade e, conseqüentemente, o distanciamento descritivo em que o conhecimento da pajelança implica, que o relato do antropólogo, discorrendo sobre conexões do visível com o invisível, mais se aproxima da “experiência etnográfica”, no que esta possuiria, nos termos das observações críticas de James Clifford, de invenção ficcional concretizada numa forma de escrita unificada pelo conceito de cultura (NUNES, 1999b, p.14).

Em 60, quando pela primeira vez frequentei a *Sorbonne*, hoje *Université de Paris IV*, um professor de Filosofia, ao saber que eu era do Brasil, perguntou-me de chofre se “*Monsieur Comte était toujours là*” [...]. A pergunta não

passava de uma observação irônica sobre a aclimação brasileira do positivismo, naturalizado entre nós no último quartel do século XIX. [...] Lendo agora *A utopia política positivista e outros ensaios*, [...] tese de Doutorado defendida perante a mesma *Sorbonne*, sou forçado a reconhecer a procedência daquela zombaria (NUNES, 1999a, p.11).

Mesmo os animais e os primitivos, que costumam ficar alienados à margem de nossa cultura, não são esquecidos como tema de reflexão de Benedito Nunes: o professor assina o ensaio apresentado, sob a forma de conferência, em encontro organizado pela Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ). O crítico paraense (NUNES, 2007b) começa a desenvolver essa questão, de relevância para os estudos da Amazônia e de suas culturas, ligando os animais e as sociedades primitivas – “os Outros da nossa cultura” – sob a nomeação de “bárbaros”, em alusão explícita à denominação que recebiam dos antigos gregos como “estranhos da cultura”. A análise é desenvolvida com erudição, no entanto sem dispensar até mesmo a poesia.

O animal continua sendo o grande Outro, o maior alienado da nossa cultura, “exceto que essa cultura, aumentando o nosso conhecimento, talvez possa algum dia restabelecer os estreitos laços que a ele nos unia nos tempos mitológicos, mas quando isso acontecer – comenta Elias Canetti – já quase não mais haverá animais entre nós”.

[...]

O segundo Outro da nossa cultura é o primitivo (o índio, o selvagem), que chegou a gerar uma questão teológica, dirigida sob forma de consulta ao papa: os índios têm alma? Na mesma época, na sociedade brasileira, começava a aparecer o negro como instrumento de trabalho. Os índios fugiam ao trabalho, mas adotavam a religião dos senhores que lhes era inculcada por meio da catequese que entretanto também teve seus paradoxos (NUNES, 2007b, p. 282-290).

Entendendo que as raízes da nossa cultura ocidental são greco-latinas, Benedito organizou as obras completas de Platão traduzidas diretamente do original grego por Carlos Alberto Nunes. Benedito apresenta os compêndios clássicos e essa introdução “vale por si só” (SANTORO, 2007) – nas palavras de Fernando Santoro em 25/02/2007, professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro–, mesmo que o *corpus* seja a coleção de *Diálogos*!

*A República* é um diálogo considerado construtivo, ou da fase da maturidade de Platão. Benedito Nunes, sob a epígrafe de Nietzsche – “Começa com Platão algo inteiramente novo...” –, explica que o prestígio da obra está ligado ao anelo de um Estado justo: a *politeia* (ou Cidade) governada pelo imaginário de Justiça. Há uma passagem célebre do *Livro III* de *A República* em que Homero, o poeta maior, é conduzido para fora da cidade (PLATÃO,

1976) – que muitos entendem como uma condenação da poesia e da mimese. Para Ernani Chaves, o que Platão reconhece nesta manifestação que encerra paradoxo é o “infinito poder dos deslocamentos operados pelo artista no reino das palavras”. O pensador não “poderia tolerar a multiplicidade de sentidos” da poesia. Com esse pensamento, Platão “recusava à arte” valores que não atendessem “aos dispositivos éticos que devem presidir a ação humana” (CHAVES, 2003, p. 11-17). Ora, uma obra literária não está separada da realidade, é sua imitação, conforme o posicionamento de Auerbach (2004).

No ano de 1991, durante uma longa entrevista, foi perguntado a Benedito a respeito dos livros sobre a Amazônia que devem constar de uma boa biblioteca:

Alexandre Rodrigues Ferreira, *A Viagem Filosófica*; Bates, *Um Naturalista no Rio Amazonas*; Gastão Cruis, *A Hileia Amazônica*; todos os que Eidorfe Moreira escreveu sobre o assunto; Curt Nimuendaju, *Os Apinayé*; Edson Soares Diniz, *Os índios Macuxí de Roraima*; Frederico Barata, *Análise estilística da cerâmica de Santarém*; Armando Mendes, *Viabilidade Econômica da Amazônia e O Mato e o Mito*; Lúcio Flávio Pinto, *Carajás, Ataque ao coração da Amazônia e Jari* (as relações entre o Estado e as multinacionais na Amazônia); Vicente Salles, *O Negro no Pará*. Ainda: *O Coronel sangrado*, de Inglês de Sousa; *O Turista Aprendiz*, de Mário de Andrade; *Moronguetá*, de Nunes Pereira; Antônio Brandão de Amorim, *Lendas em Nheengatu em português*; o ciclo ficcional de Dalcídio Jurandir, começando por *Chove nos campos de Cachoeira*; *Batuque*, de Bruno de Menezes. E mais: a poesia de Ruy Barata (*Anjo dos Abismos, A Linha Imaginária*); a obra poética de Paulo Plínio Abreu; *O Homem e sua hora*, de Mário Faustino; *Verde vago mundo*, de Benedicto Monteiro; *Galvez, o Imperador do Acre*, de Márcio Souza; *Cabelos no Coração*, de Haroldo Maranhão; *60/38*, de Max Martins. Lembramos também Luis Bacellar, *Sol de feira*; Elcio Farias, *Romanceiro*; Jorge Tufic, *Poesia reunida*; Jesus Paes Loureiro, *Cantares Amazônicos*; Age de Carvalho, *Ror*; Sérgio Wax, *Trinta e três experimentos e uma Suíte*; Milton Hatoum, *Relato de um certo Oriente* (NUNES, 1991).

Nessas estantes, a literatura brilha como estrela. Vários romancistas e poetas da Amazônia são objetos de estudos e interpretações do professor Benedito. Aliás, muitas vezes a Amazônia pode ser considerada a matéria dos estudos de Nunes a partir das criações literárias de Max Martins, Haroldo Maranhão, Mário Faustino, Dalcídio Jurandir, João de Jesus Paes Loureiro, Bruno de Menezes, Ruy Barata, Inglês de Souza, Maria Lúcia Medeiros, Vicente Cecim, Age de Carvalho, Lilia Chaves e Paulo Plínio Abreu, entre outros autores ligados ao Pará.

Em Belém, entre 1946 e 1952, Benedito, ainda muito jovem, faz parte do movimento artístico denominado *Grupo dos Novos* (COELHO, 2005; MAUÉS, 2002), cujo grande expoente é o suplemento *Arte e Literatura* do jornal *Folha*

do Norte, acervo valioso em recuperação e estudo por instituições como a UFPA e a Associação de Universidades Amazônicas (UNAMAZ). É um retrato da cultura e da sociedade do Pará da época, antes do período que se convencionou chamar de integração amazônica.

Literatura e sociedade ocuparam o fazer artístico do “Grupo dos Novos” na Belém da década de 40. Estava em gestação um movimento que reuniu jovens ambiciosos por conhecimento e transformação que se canalizaram para a produção literária. Esse fazer foi uma vida privilegiada para dialogar entre eles, com a sociedade regional e nacional, e situar-se na sua contemporaneidade.

[...]

Esse Grupo desenvolve um repertório de conhecimentos e informações próprias do campo cultural e se legitimaram por meio de seus escritos<sup>3</sup>.

Entre os estudos da literatura paraense empreendidos por Benedito Nunes, encontra-se a análise do ciclo de Dalcídio Jurandir, com percurso memorialístico que vai da vida rural no Marajó à urbana em Belém (BOLLE, 2008a; JURANDIR, 2004; PRESSLER, 2010). A coleção de Dalcídio aborda questões relevantes para pensar a Amazônia, tais como: crise da borracha, criação de gado, pastagens, latifúndios, pesca, caça e panorama urbano.

Quem lê *Belém do Grão-Pará*, como o romance dos Alcântaras [...], lê a inteira cidade dos anos vinte, tal como a tinham deixado, após o início da decadência econômica, conseqüente à crise da borracha, que culminara em 1912, as reformas do Intendente (prefeito) Antônio Lemos. O drama daquela família, com a qual Alfredo vai viver, drama todo exterior, de perda de *status*, levando-a, após o leimismo, a uma mudança de casa e de rua, está relacionado com aquela decadência. [...] os Alcântara, para tentar recuperar o *status* perdido, transferem-se para a rua dos ricos, dos fazendeiros, a Av. Nazaré, mas vão habitar uma casa arruinada pelo abandono e pelos cupins [...]. É o momento em que a casa, que cheirava a cupim e a mofo, ameaça desabar. A família [...] carrega, de madrugada, os poucos móveis que lhe restam, incluindo um piano, símbolo da perda distinção social, [...] para a acolhedora sombra das mangueiras à beira da calçada (NUNES, 2006, p. 246).

Alcançando até mesmo países do exterior, Benedito Nunes sabe difundir a literatura feita no Pará. Menção importante pode ser vista no *site* da Fundação Calouste Gulbenkian<sup>4</sup>– tem sede em Lisboa. É instituição portuguesa, cujos fins estatutários são, entre outros, a arte, a ciência e a educação. Desde 1971, a Fundação edita a revista *Colóquio / Letras*, com estudos ensaísticos, poesia e ficção. Os colaboradores são portugueses e estrangeiros. Pesquisa (GUIMARÃES, 2009) empreendida na *internet* aponta 37 artigos assinados por Benedito na revista (de 1971 a 2000), muitos

<sup>3</sup> Rosa Acevedo apresenta o livro *O Grupo dos Novos – Memórias Literárias de Belém do Pará* (COELHO, 2005), tese de doutorado na UNICAMP de Marinilce Oliveira Coelho em 2003.

<sup>4</sup> *Site* da Fundação: <<http://www.gulbenkian.pt>>. Acesso em: 20/06/2010.

merecedores da chamada de capa das versões impressas do periódico lisboeta. Foram denominados de “recensão crítica” – uma espécie de resenha ou de apreciação de um livro. Benedicto Monteiro, Haroldo Maranhão e Max Martins – expressões representativas da literatura na Amazônia – são perscrutados pelo intérprete Benedito Nunes na mesma galeria onde o crítico paraense exibiu Fernando Pessoa, Clarice Lispector, José Guilherme Merquior, Haroldo de Campos, João Cabral de Melo Neto e Oswald de Andrade, entre outros.

A literatura, na poesia e na prosa, não está à parte do meio em que é criada, sempre há algum vínculo com o ambiente onde é formada (CANDIDO, 1971, 2002, 2005). Um modo de refletir sobre a região é fazer a análise dos discursos literários (MAINGUENEAU, 2006) de seus autores. Para Freitas (2007, p.30), “estudos de autores e textos de narrativa literária praticados pela pesquisa social [...] permitem o exame de significações da psicologia dos fatos da cultura”. Estudar Benedito Nunes como crítico (inclusive literário) é também estudar a Amazônia, mimetizada esteticamente em palavras e dessa forma cingida na literatura que ele analisa. Há “vários níveis da correlação entre a literatura e a sociedade”, como prega Candido (2002, p. 1-4). Essa relação só poderá ser bem entendida se fundirmos “texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra”. Assim, é possível estudar a realidade social na estrutura literária: “uma crítica que se queira integral deixará de ser unilateralmente sociológica, psicológica, linguística, para utilizar livremente os elementos capazes de conduzirem a uma interpretação coerente”. O antropólogo estadunidense Clifford Geertz parece não discrepar de Candido, pois, entendendo a imitação como própria da condição humana, chega até mesmo a considerar que a interpretação da cultura seja um “trabalho parecido com o de crítico literário” que busca a essência além do código.

O conceito de cultura que eu defendo [...] é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado (GEERTZ, 2008, p. 4).

Uma abordagem cultural nessa linha, que se vale da literatura para examinar a região amazônica, foi bem guiada por Relivaldo Pinho de Oliveira

em sua dissertação de mestrado *Mito e Modernidade na Trilogia Amazônica*, de João de Jesus Paes Loureiro (OLIVEIRA, 2003) – poeta paraense e doutor em sociologia da cultura pela *Sorbonne* (Paris). Seu tema exposto na escola francesa recebeu a denominação de *Cultura Amazônica: uma poética do imaginário* (LOUREIRO, 2001). O trabalho de Oliveira (2003) conduzido no NAEA, e merecedor do prêmio de melhor dissertação de mestrado, teve a orientação de Ernani Chaves para quem a poesia nos “oferece, da mesma maneira que a filosofia ou a ciência, um conhecimento sobre o que chamamos de ‘realidade’, embora o faça por caminhos diversos” (CHAVES, 2003, p.11-17).

Se o olhar para as raízes da cultura ocidental voltou Benedito para a filosofia dos gregos e os *Diálogos* de Platão, sua reflexão sobre o presente e o futuro não exclui a abordagem das novas tecnologias da comunicação e o impacto na cultura, assunto que ele tratou inicialmente em congresso da Fundação João Pinheiro em Minas Gerais (NUNES, 1984/1985, p. 43-53), mas que tem merecido do estudioso versões atualizadas. Ao comentar declaração irônica do poeta Paul Valéry que entrevira em 1929 o nascimento de homens sem ligações com o passado “por qualquer hábito de espírito” – em posição contrária ao confucionismo que reconhece o que é novo sem deixar de tirar proveito também da velha lição –, Benedito alerta que esse “prognóstico da ruptura do homem com o seu passado poria em jogo a própria experiência histórico-cultural, em que criação e tradição se combinam, e logo poria em jogo também a subsistência de nossas heranças históricas”, fazendo então referência ao *Choque do Futuro*: “Para Alvin Toffler, as ‘questões tecnológicas não podem ser tratadas em termos tecnológicos apenas’”. A sociedade da informação, que tem apoio nas tecnologias da comunicação, é tema fundamental conduzido pelo NAEA nas reflexões sobre a Amazônia:

A sociedade atual se ancora no conhecimento. É uma sociedade da informação, que lida com esse processo da produção do conhecimento e da velocidade da informação como um eixo importante em todos os setores. [...] E a Amazônia não pode ficar fora desse contexto. [...] Então a Amazônia tem um desafio grande de produzir conhecimento. [...] Conhecimento de si, enquanto sociedade repleta de valores e leis, conhecimento sobre o território, conhecimento sobre diferentes dimensões, como a saúde, a economia, a cultura, a religião... [...] Eu não vejo o conhecimento apenas como ciência e tecnologia para gerar riquezas, mas o conhecimento como uma forma de restabelecer direitos, dignidade e uma certa autonomia do pensamento, da interpretação, [...] uma autonomia de concepção do que é a Amazônia e do que

se fala da Amazônia. Entre as universidades amazônicas, uma universidade que incorpore essa ideia de autodeterminação a partir desses saberes é fundamental – e eu vejo o NAEA dentro dessa perspectiva. Ou elas se adequam, como alguns institutos vêm fazendo, ou nós vamos continuar tributários de um pensamento que é produzido fora sobre a Amazônia (CASTRO, 2008).

A repercussão do pensamento e da obra de Benedito Nunes em outros recantos brasileiros já ensejou importantes estudos e variadas análises. Em termos universitários, merecem destaque os doutorados de Jucimara Tarricone – concluído na Universidade de São Paulo (USP), com o título *Hermenêutica e crítica: o pensamento e a obra de Benedito Nunes* (TARRICONE, 2007) – e de Maria de Fátima Nascimento – em curso na Universidade de Campinas (UNICAMP), com o nome *O lugar de Benedito Nunes na moderna crítica literária brasileira* (NASCIMENTO, 2008). Há também críticos literários que escreveram sobre Benedito em jornais de grande circulação no país – Leyla Perrone-Moisés, Vilém Flusser, Manuel da Costa Pinto, Fábio Lucas, Franklin Leopoldo, entre outros.

No Brasil, marcando presença além do Pará, Benedito foi ainda professor na UNICAMP, na década de 70, justamente a convite do crítico Antonio Candido, autoridade brasileira no estudo das relações entre literatura e sociedade. Fora do país, Benedito Nunes lecionou e pronunciou palestras, em diferentes momentos de sua trajetória intelectual, nos Estados Unidos, no Canadá, na França, em Portugal e no Uruguai.

Benedito é sobretudo um intelectual exemplar [...] sob todos os pontos de vista. Em primeiro lugar, pela grande inteligência; em segundo pelo caráter original da inteligência. O caráter que se manifesta não apenas na retidão moral, mas na modéstia, na discrição, no senso da medida e no senso do dever. O mais notável é que ele pertence a um tipo muito característico de intelectual, o que não renuncia à sua província. Nós temos o caso dele no Pará; o caso do Gilberto Freyre, em Pernambuco; do Érico Veríssimo, no Rio Grande do Sul; e do Emílio Moura, em Belo Horizonte. Respeito muito esses intelectuais, que resistem ao magnetismo das grandes metrópoles (CANDIDO, 2009, p. 106).

Morei fora algumas vezes, mas sempre por temporadas. Por dois semestres dei aula nos Estados Unidos: um na universidade de Vanderbilt, que fica em Nashville, Estado do Tennessee, e outra em Austin, no Texas. Em ambos fui convidado como professor de Literatura Brasileira. Na França, também por duas vezes. A primeira, em 67, 68, como *lecteur*, que é um professor que não pertence ao quadro e é nomeado para coadjuvar uma função (NUNES, 1998).

Em todo o Brasil e no exterior, as atividades de Benedito Nunes, fora de Belém, sempre lhe ensinaram o “caminho de volta” (NUNES, 1993) para sua cidade, como bem resumiu o escritor e jornalista José Castello:

Frequentador assíduo do meio intelectual francês e norte-americano, o paraense Benedito Nunes poderia dizer, sem medo de errar, que [...] para ele as viagens servem para purificar a visão. Professor da Universidade do Pará e prestigiado conferencista e ensaísta, Benedito Nunes faz muitas viagens, mas retorna sempre a Belém, onde nasceu e nunca deixou de viver.

[...]

O professor jamais permitiu que os prazeres do exílio o imobilizassem. Para ele, as viagens apontam sempre para o momento de retorno ao ponto de origem. É na volta – novos olhos diante de velhas paisagens – que a aventura de viagem atinge seu apogeu. Com o espírito depurado pelas aventuras intelectuais no exterior, Benedito Nunes defende, no entanto, uma visão não-regionalista da região amazônica, que a livra das fantasias românticas e das ilusões de inocência virginal<sup>5</sup>.

Ao analisar a entrevista que Benedito lhe concedera, Castello traça paralelos com o conto *Reflexão sobre uma Viagem sem Fim* do escritor Milton Hatoum (1992), justamente dedicado a Benedito. Essa peça ficcionista do premiado autor amazonense gira em torno do personagem Felix Delatour, “um bretão circunspecto” que “sofre de uma enfermidade rara: o gigantismo”. Para o viajante Delatour, a viagem “além de tornar o ser humano mais silencioso, depura o seu olhar” e a “voz do verdadeiro viajante ecoa no rio silencioso do tempo”. Esse conto de Hatoum também é referido por Mires Batista ao entrevistar o professor paraense e questionar-lhe (NUNES, 2009b): “O senhor concorda que é preciso viajar para olhar melhor o lugar onde se vive? E em que essas experiências ajudam os homens a se manterem mais conectados ao seu tempo?”. Benedito não perde a coerência:

Sim, acho que sim, nem que a viagem seja um simples afastamento físico do local em que se mora. O distanciamento [...] das condições de vida que a gente tem, ajuda muito a compreender essas mesmas condições do mundo. Eu acho que o afastamento, essa dupla, para não dizer dialética, essa dupla – afastamento, proximidade; afastamento, proximidade – é essencial [...] para o conhecimento do lugar em que a gente vive. [...] Há necessidade de se distanciar um pouco, sair um pouco do lugar em que se vive, sair da concha para alcançar o tanto quanto puder, o horizonte que circunscrevem para a gente (NUNES, 2009b, p. 68-69).

A permanência em Belém de um intelectual com a trajetória de Benedito – sua instrução erudita vasta e variada foi adquirida sobretudo pela leitura – representa trunfos para a interpretação da Amazônia e de suas culturas. Isso assegura sua importância continuada, a transmissão de legados que formam novas gerações paraenses, o alargamento nesta terra do discurso humano, o refinamento do debate local sobre questões regionais e universais que dependem de visão sistêmica do mundo. Todavia, tal permanência é muitas

---

<sup>5</sup> Comentários de José Castello a partir da entrevista de Benedito (NUNES, 1993).

vezes motivo para indagações, perplexidades, exclamações de estudiosos, tentativas de explicação. Benedito “continua morando em Belém, onde pesquisa e redige suas análises” e declara que “talvez seja um caracol dentro de sua casa”, quando minimiza “o alcance mundial de sua obra que inclui centenas de artigos, estudos e livros” (NUNES, 2004c). Em outra ocasião, a pergunta é: “O senhor teve muitas oportunidades para viver fora de Belém, mas sempre volta para cá. Por quê?”. Benedito responde: “Aqui é o meu canto. Eu sou um pouco animal sob esse ponto de vista, gosto da minha toca, da minha gente, da minha concha. E Belém é minha concha existencial”. Completa: “Vivo muito acompanhado de livros. [...] Então, com tantos livros, como é que eu poderia me mudar? [...] Minha biblioteca ocupa cinco salas da minha casa” (NUNES, 2007c). Caracol? Concha? Concha existencial? As metáforas parecem bem escolhidas... O caracol tem concha helicoidal que pode sugerir “processo espiralado de continuidade cíclica” e a concha é também “símbolo de introspecção ou recolhimento” (TRESIDDER, 2003). Quando Benedito, a respeito de suas viagens para fora de Belém sempre seguidas de voltas à sua cidade natal, usa para se expressar as palavras afastamento / proximidade e sua dialética, essa observação merece cotejo com o que Willi Bolle comenta a respeito da sua pesquisa no NAEA em Belém (“a metrópole da Amazônia”): para um retrato de cidade é muito importante a voz dos habitantes dela e também a dos forasteiros. E mais: “tem um trecho de Benjamin [...] em que ele fala dessa complementaridade dos dois olhares, um podendo descobrir o que o outro não vê” (BOLLE, 2008b). Benedito demonstra ter esse duplo e privilegiado olhar. Dizendo de outra maneira, ele tem esses dois olhares transitando, na sua tradução cultural, entre o regional introspectivo e o universal que sempre dialogam. As culturas da Amazônia que Benedito interpreta estão ancoradas em Dalcídio Jurandir, mas também em Proust, em Bergson, em Heidegger. Benedito analisa a obra de Haroldo Maranhão, mas conhece Sartre, Camus, Kafka. Lê João de Jesus Paes Loureiro sem dispensar Lévi-Strauss ou Guimarães Rosa ou Clarice Lispector ou Hannah Arendt ou Paul Ricoeur ou Nietzsche (NUNES, 2004b). Grande tradutor cultural que é, Benedito transita em diversas áreas do conhecimento, pois não se limita a “sentar praça numa filosofia determinada, ao som do clarim da especialidade” (NUNES, 2009c, p. 26) para traçar perfis de Belém, do Pará e da Amazônia.

A ABL realizou um ciclo de conferências denominado *Caminhos do Crítico*. Benedito participou desse encontro – depois virou matéria da revista uspiana *Estudos Avançados*. Bem no início do discurso, Benedito recordou um encontro seu com Clarice Lispector quando a escritora lhe afirmara:

"Você não é um crítico, mas algo diferente, que não sei o que é". No momento, perturbou-me essa afirmação. Hoje posso ver como foi certo, além de encomiástico, o aturdido juízo de Clarice. Ela percebia, lendo o que sobre ela escrevi, que o meu interesse intelectual não nasce nem acaba no campo da crítica literária. Amplificado à compreensão das obras de arte, incluindo as literárias, é também extensivo, em conjunto, à interpretação da cultura e à explicação da Natureza. Um interesse tão reflexivo quanto abrangente, é, portanto, mais filosófico do que apenas literário.

Ora, desde Kant a filosofia também foi chamada de crítica. Não sei por qual das críticas comecei, se foi pela literária ou pela filosófica, tão intimamente se uniram, em minha atividade, desde novinho, e alternativamente, literatura e filosofia.

No "algo diferente" a que Clarice se referia para qualificar-me, estava implícita semelhante união. Não sou um duplo, crítico literário por um lado e filósofo por outro. Constituo um tipo híbrido, mestiço das duas espécies. Literatura e filosofia são hoje, para mim, aquela união convertida em tema reflexivo único, ambas domínios em conflito, embora inseparáveis, intercomunicantes (NUNES, 2009a, p. 23-24).

Impelido no passado por Clarice Lispector, o próprio Benedito reconhece que a interpretação da cultura é elemento componente da sua obra – a coleção não deixa de combinar história, filosofia, crítica da literatura e das artes em geral, que é, também, em certa medida, crítica das culturas e exame da sociedade. O professor é o hermeneuta que nasceu e mora na Amazônia, reflete sobre as suas culturas, no cotidiano deste lugar e nas viagens que empreende a outros pontos do Brasil e ao exterior. Em seus estudos e pesquisas, está sempre cercado da escolhida e sempre crescente biblioteca pessoal. Com sabedoria, conhecimento e versatilidade, articula o regional com o universal, como lhe permite sua esmerada formação e abrangente visão de mundo. A produção intelectual de Benedito Nunes inscreve seu nome no painel de grandes intérpretes da cultura brasileira como Sérgio Buarque de Holanda, Antonio Candido, Milton Santos, Raymundo Faoro, Florestan Fernandes, Gilberto Freyre, Caio Prado Jr., Darcy Ribeiro, Euclides da Cunha, Machado de Assis, Guimarães Rosa e Celso Furtado.

Sem dúvida há um expressivo crescimento das análises sobre intelectuais brasileiros nas últimas décadas. Aliás, foram feitos vários balanços sobre essa produção, o que comprova esse desenvolvimento.

[...]

É importante indagar as razões dessa ampliação de espaço do tema pensamento brasileiro na reflexão das ciências sociais. Primeiramente, parece-

me ser uma reação ao processo de repressão desenvolvido durante a ditadura militar que relegou ao esquecimento a obra de alguns autores (BASTOS, 2007, p. 24).

As iniciativas de interpretação da Amazônia e de suas culturas precisam de permanente estímulo das instituições de pesquisa para assegurar sua importância continuada. A configuração dos perfis culturais da Amazônia não pode deixar de considerar a obra de Benedito Nunes e jamais estará cabal se não abranger estudos sobre o pensador que sejam elaborados na sua própria região. Interpretar as culturas da Amazônia é fundamental para compreender e traçar programas de desenvolvimento que visualizem criticamente a região – ela, muito mais do que um sinônimo de meio físico, mais que a natureza e além da natureza –, de tal forma que a população tenha conhecimento da história e seja de fato constituída de “sujeitos sociais” e não “indivíduos biológicos” ou “sujeitos biologizados” (ALMEIDA, 2008, p. 40).

### **Referências Bibliográficas**

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. *Antropologia dos Archivos da Amazônia*. Rio de Janeiro: Casa 8 / Fundação Universidade da Amazônia, 2008.

AUERBACH, Eric. *Mimesis – a representação da realidade na literatura ocidental*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

BASTOS, Élide Rugai. Polifonia da Amazônia. In: BASTOS, Élide Rugai; PINTO, Renan Freitas (Orgs.). *Vozes da Amazônia: investigação sobre o pensamento social brasileiro*. Manaus: EDUA, 2007.

BOLLE, Willi. Belém, porta de entrada da Amazônia. In: CASTRO, Edna (Org.). *Cidades na Floresta*. São Paulo: Annablume, 2008a.

\_\_\_\_\_. Entrevista de Willi Bolle. *Folha do NAEA*, nº 13. Belém: NAEA-UFGA, 2008b.

CANDIDO, Antonio. Benedito Nunes. *Revista Brasileiros*, nº 25. São Paulo: Brasileiros Editora, 2009.

\_\_\_\_\_. A Sociologia no Brasil: histórias, teorias e desafios. *Sociologias*, ano 7, nº 14. Porto Alegre: UFRGS, 2005.

\_\_\_\_\_. *Literatura e Sociedade – Estudos de Teoria e História Literária*. São Paulo: T. A. Queiroz, 2002.

\_\_\_\_\_. *Formação da Literatura Brasileira – momentos decisivos*. São Paulo: Martins, 1971.

CASTRO, Edna. Entrevista de Edna Castro. *Folha do NAEA*, edição especial. Belém: NAEA-UFPA, 2008.

CHAVES, Ernani. Prefácio. In: OLIVEIRA, Relivaldo Pinho. *Mito e Modernidade na Trilogia Amazônica, de João de Jesus Paes Loureiro*. Belém: NAEA-UFPA, 2003.

COELHO, Marinilce Oliveira. *O Grupo dos Novos – Memórias Literárias de Belém do Pará*. Belém: EDUFPA, 2005.

FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. Prefácio à guisa de crônica. In: NUNES, Benedito; HATOUM, Milton. *Crônica de duas cidades – Belém e Manaus*. Belém: SECULT, 2006.

FREITAS, Marilene Corrêa da Silva. A Amazônia e o pensamento social brasileiro contemporâneo. In: BASTOS, Élide Rugai; PINTO, Renan Freitas (Orgs.). *Vozes da Amazônia: investigação sobre o pensamento social brasileiro*. Manaus: EDUA, 2007.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GUIMARÃES, Maria Stella Faciola Pessôa. A presença de Benedito Nunes no ciberespaço. *Revista Asas da Palavra*, vol. 12, nº 25. Organização de Victor Sales Pinheiro e Maria Célia Jacob. Belém: UNAMA, 2009.

HATOUM, Milton. Reflexão sobre uma Viagem sem Fim. *Revista da USP*, nº 13. São Paulo: USP, 1992.

JURANDIR, Dalcídio. *Belém do Grão-Pará*. Belém: EDUFPA, 2004.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. *Cultura Amazônica: uma poética do imaginário*. São Paulo: Escrituras, 2001.

MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso literário*. São Paulo: Contexto, 2006.

MAUÉS, Júlia. *A Modernidade Literária no Estado do Pará: O Suplemento Literário da Folha do Norte*. Belém: UNAMA, 2002.

MENDES, Armando Dias et al. *Amazônia, Terra & Civilização: uma trajetória de 60 anos*. Belém: Banco da Amazônia, 2004.

NASCIMENTO, Maria de Fátima. O lugar de Benedito Nunes na moderna crítica literária brasileira. *Anais do Seta*, vol. 2, 2008. Disponível em <<http://www.iel.unicamp.br/revista/index.php/seta/article/viewFile/396/335>>. Acesso em 25/08/2010. Campinas: UNICAMP, 2008.

NUNES, Benedito. *A clave do poético*. Organização de Victor Sales Pinheiro. São Paulo: Companhia das Letras, 2009a.

\_\_\_\_\_. Conversa com o “sábio da Estrela” (entrevista de Benedito Nunes para Mires Batista). *Revista Navegações*, vol. 2, nº 1. Disponível em: <<http://revistas.eletronicas.pucrs.br/fale/ojs/index.php/navegacoes/article/view/5133/3770>>. Acesso em: 20/07/2009. Porto Alegre: PUCRS, 2009b.

\_\_\_\_\_. *Quase um plano de aula*. Discurso proferido em 1998 na solenidade de outorga do título de Professor Emérito. Belém: UFPA, 2009c.

\_\_\_\_\_. Amazônia e suas culturas. In: MERONI, Fabrizio (Org.). *As cidades, as culturas e seus desafios – o CCFC na Amazônia*. Belém / São Paulo: CCFC / EDUSC, 2008.

\_\_\_\_\_. Conferência na solenidade de comemoração do cinquentenário da UFPA. Belém: UFPA, 2007a.

\_\_\_\_\_. O animal e o primitivo: os Outros de nossa cultura. *Revista História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, vol. 14, nº 4. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2007b.

\_\_\_\_\_. Para Belém, as lições do “sábio que mora na Estrela” (entrevista de Benedito Nunes para Iran de Souza). *O Liberal*. Disponível em: <[www.orm.com.br](http://www.orm.com.br)>. Acesso em: 23/07/2009. Belém: 2007c.

\_\_\_\_\_. Dalcídio Jurandir, Romancista da Amazônia. In: NUNES, Benedito; PEREIRA, Ruy; PEREIRA, Soraia Reolon (Orgs.). *Dalcídio Jurandir, Romancista da Amazônia – Literatura e Memória*. Belém / Rio de Janeiro: SECULT / Fundação Casa Rui Barbosa / Instituto Dalcídio Jurandir, 2006.

\_\_\_\_\_. Do Marajó ao arquivo: Breve panorama da cultura no Pará (com omissões perdoáveis e imperdoáveis). In: MENDES, Armando Dias. *Amazônia, Terra & Civilização: uma trajetória de 60 anos*. Belém: Banco da Amazônia, 2004a.

\_\_\_\_\_. *Filosofia Contemporânea*. Belém: EDUFPA, 2004b.

\_\_\_\_\_. O “caracol” que desafia o mundo. (entrevista de Benedito Nunes para Murilo Gontijo). *Revista Boletim*, nº 1427. Disponível em: <<http://www.ufmg.br/boletim/bol1427/sexta.shtml>>. Acesso em: 23/07/2009. Belo Horizonte: UFMG, 2004c.

\_\_\_\_\_. *O Império da História – Conferência proferida no seminário Landi e o Século XVIII na Amazônia*. Belém: Fórum Landi, 2003.

\_\_\_\_\_. Apresentação. In: CASTRO, José Carlos. *A utopia política positivista e outros ensaios*. Belém: CEJUP, 1999a.

\_\_\_\_\_. Apresentação. In: MAUÉS, Raymundo Heraldo. *Uma outra “invenção” da Amazônia – Religiões, Histórias, Identidades*. Belém: CEJUP, 1999b.

\_\_\_\_\_. Entrevista de Benedito Nunes. Reproduzida pelo *site* do Sistema de Informação Científica e Tecnológica da Amazônia (INFORMAM). *O Liberal*. Disponível em: <<http://www.informam.ufpa.br/portal/benedictus/entre.htm>>. Acesso em: 26/07/2009. Belém: 1998.

\_\_\_\_\_. Um conceito de cultura. In: XIMENES, Tereza (Org.). *Perspectivas do Desenvolvimento Sustentável* (uma contribuição para a Amazônia 21). Belém: NAEA-UFPA / UNAMAZ, 1997.

\_\_\_\_\_. À margem do livro. In: MENDES, Armando. *A Casa e suas Raízes – Ensaio sobre ecologia, economia e ‘ecomenia’*. Belém: CEJUP, 1996.

\_\_\_\_\_. Benedito Nunes ensina o caminho de volta (entrevista de Benedito Nunes para José Castello). *O Estado de São Paulo*. Disponível em: <<http://www.secrel.com.br/jpoesia/castel106.html>>. Acesso em: 24/07/2009. São Paulo: 1993.

\_\_\_\_\_. Entrevista de Benedito Nunes para Lúcio Flávio Pinto reproduzida pelo *site* INFORMAN em 1998. *A Província do Pará*. Disponível em: <<http://www.informam.ufpa.br/portal/benedictus/entre.htm>>. Acesso em: 26/07/2009. Belém: 1991.

\_\_\_\_\_. Nota crítica. In: MOREIRA, Eidorfe. *Obras reunidas*. Belém: Governo do Pará / Conselho Estadual de Cultura / CEJUP, 1989.

\_\_\_\_\_. Novas Tecnologias de Comunicação e a Cultura – A cultura tradicional e a cultura tecnológica. *Revista Fundação JP*, vol. 14/15, nºs 11/12/01/02. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1984/1985.

NUNES, Benedito; HATOUM, Milton. *Crônica de duas cidades – Belém e Manaus*. Belém: SECULT, 2006.

NUNES, Benedito; FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. Luzes e Sombras do Iluminismo Paraense. In: BEZERRA NETO, José Maria; GUZMÁN, Décio de Alencar (Orgs.). *Terra Matura – Historiografia & História Social na Amazônia*. Belém: Paka-Tatu, 2002.

OLIVEIRA, Relivaldo Pinho. *Mito e Modernidade na Trilogia Amazônica, de João de Jesus Paes Loureiro*. Belém: UFPA / NAEA, 2003.

PLATÃO. *A República*. Apresentação de Benedito Nunes. Belém: UFPA, 1976.

PRESSLER, Gunter Karl. O maior romancista da Amazônia – Dalcídio Jurandir – e o mundo do arquipélago do Marajó. In: BOLLE, Willi; CASTRO, Edna; VEJMEJKA, Marcel (Orgs.). *Amazônia: região universal e teatro do mundo*. São Paulo: Globo, 2010.

SANTORO, Fernando. De volta à República. *Folha de S. Paulo*. São Paulo: 2007.

TARRICONE, Jucimara. *Hermenêutica e crítica: o pensamento e a obra de Benedito Nunes*. São Paulo: USP, 2007.

TRESIDDER, Jack. *O Grande Livro dos Símbolos*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.





